

**QUARTA-FEIRA**  
Lisboa-- 4 de Junho-- de 1930

**5 TESTÕES**

**5.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**211**



sempre  
**fixe** semanario  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDAÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# MUSSOLINI...



... a sistema belico do Duce que é uma douche para a paz.





## Os ditos da semana



**Cobres a mais** Mal nos começávamos a esquecer daquele tempo em que não era possível mandar cantar um cego, por falta de troco e já aparecem reclamações contra o excesso de cobres. Nós ainda não tínhamos dado por isso, talvez pela mesma razão porque os mendigos não costumam morrer de indigestão.

E aqui fica o aviso àqueles que se estão vendo aflitos com a abundancia de cobres: mandem-no los para cá que nós os trocaremos e, se não conseguirmos troca-los derrete-los-hemos, o que, para o caso, tanto faz.

**"A santa dos Goias"** «A Santa dos Goias» é aquela mulhersinha do lugar de A dos Goias, que ha 31 anos deixou de comer. Bebe agua e deita-se, tal qual como um funcionario publico que não seja de A dos Goias.

Parece que o caso produz certo espanto na região, naturalmente porque toda a gente é rica, como aconteceu com aquele milionario americano que um dia veio a Portugal e ficou assombrado por haver quem comesse bacalhau.

A nós não nos espanta o caso. Cá na Terra, porta sim, porta não, ha uma santa dos Goias.

**Na Belgica** Os jornalistas portuguezes tem sido recebidos na Belgica como o grande Elias. O rei Alberto recebeu-os com a lhanza que o caracteriza e com todos, todos sem excepção, conversou animadamente. A rapaziada anda por lá fazendo boa figura, o que é consolador e desemperrando a lingua na lingua franceza o que é útil.

**Dia da espiga** Passou o dia da espiga. Passou pelo calendario, mas deitámos bem contas á nossa vida verificamos que, ou o calendario repete sempre o mesmo dia, ou os dias são todos eguais uns aos outros. A espiga é sempre a mesma. E que grande espiga! Parece uma espiga do concurso do Seculo!

por mais medidas que se tomem para evitar os desastres, os desastres succdem-se ininterruptamente.

O seculo XX é o seculo das velocidades, como o seculo XIX foi o seculo das luzes. O automovel é a sintese da velocidade. Quem o compra pensa logo nos desastres que hão-de vir a succeder-lhe e tanto que o adquire já com pára-choques, tão certo está de que o carro ha de vir a chocar com alguma coisa ou de que alguma coisa virá a chocar com ele.

E não ha que escolher marcas, nem forças, nem modelos. São todos para amolgar.

Por isso não ha nada como a pelintrice dos que andam a pé. Esses pòdem dar uma topada e arreentar a biqueira de uma bota que custou 100 escudos e até um pé que não

custou nada mas doe; nunca, porém, passarão pelo desgosto de estampar setenta, oitenta ou cem contos contra uma parede.

É verdade que ás vezes succede ficarmos salpicados de lama quando vamos a pé e os outros a 100 á hora, estadeando riqueza e bem estar, mas para a lama sempre ha um remedio infalivel — a escova. Consolemo-nos porque, as mais das vezes, a riqueza dos outros, tambem é escova.

**Augusto Gil** Estamos na hora dos poetas. Ainda ha pouco João de Deus, ha dias Antonio Correia de Oliveira e pouco depois Augusto Gil.

Os tempos que vão corren-

do não são tão prosaicos que os poetas não se vejam acarinados.

Só é de lamentar que nem todos os leiam.

**Rosas de Maio** A casa Moreira da Silva vai fazer no proximo dia 5 de Junho uma exposição de rosas de Maio no Palacio da Sociedade Nacional de Belas Artes. Já conhecemos de outras exposições as magnificas rosas que Moreira da Silva costuma trazer até Lisboa, mas este ano duvidamos do sucesso da exposição e até não compreendemos como é que pessoa tão entendida em flo-ricultura se lembra de fazer uma exposição de rosas mur-chas. As rosas de Maio expostas em Junho devem ter perdido toda a frescura. Que o Moreria da Silva até com rosas mur-chas é capaz de fazer um figurão.

## Armando Cortesão



**Desastres de viação** Por mais regulamentos de transitto que façam,

**Comissario Geral de Portugal na Exposição Internacional Colonial e de Artes Flamengas em Antuerpia.**

**Cruz e Souza** «Vaidosa» é o titulo da nova valsa de Cruz e Souza, que vae ser cantada por Raquel Bastos, no espectáculo do dia 6, a favor, dos tuberculosos. Acompanha-a o auctor, talvez em virtude daquele ditado que diz: «mais vale só que mal acompanhado».

De Cruz e Souza recebemos tambem mais um tango — «Penas sem fim». As produções de Cruz e Souza são como as suas penas — sem fim. Mal a gente começa a trautear uma valsa, surge um tango; ainda se não sabe bem o tango aparece outra valsa e outro tango e, todos sempre tão inspiradas e tantos que, Cruz e Souza já não parece um compositor-musical, mas o Tanganho.

**Mercedes Blasco** A Mercedes foi a Coimbra e deu «Uma hora de Amor» aos rapazes. E, como uma hora de amor chega para muito, quiz a Mercedes dar-nos tambem alguma coisa desse amor e deu-nos um exemplar da magnifica conferencia que fez em Coimbra.

Daqui lhe beijamos as mãos que tão prodigas são em dadas que tanto se apreciam, porque Mercedes Blasco é das poucas mulheres portuguezas que tem na cabeça alguma coisa mais do que um bonito chapéu e uma primeira distincção Marcel.



# THEATRO

## «RETROZ PRETO...»



**Fernanda Coutinho** — uma apaixonada do fado que se ouve sempre com o melhor agrado.

O EXITO de quasi todas as revistas actualmente em scena, excede tudo quanto a antiga musa canta... O peor é que a maior parte delas tem sido remodeladas, em silencio, e vamos lá com Deus, inteligentemente. Oito dias depois o mesmo titulo e sóbe outra revista. Vê-se assim, que os titulos são pau para toda a obra — boa e má.

O ALVES da Cunha anuncia a sua estreia, no Gimnasio, para o verão, com o *Henrique IV*, de Pirandello (leia-se pirandello). Como se trata dum rei, começa logo a... reinar. O monarca concede audiencia ao publico no dia 14 de junho.

O EMAUZ fechou o Variedades. Mas seria definitivamente? Não seria aquilo *Parodia* para arranjar outra revista com novos elementos? Quem bebe do *fino* diz-nos que sim!

A ESTER Leão anda, no Minho, com *tournee*. Dizem-nos que ficou encantada com os trajos das raparigas do norte, propondo-se



... um novo de...  
... a...  
... pag. 60...

fazer, quando regressar a Lisboa, uma minhota estilizada.  
Se fôr igual á peixeira que fez na *Madragoa* deve ser um êxito garantido...

O JOSE Climaco chegou, viu e venceu, mas não foi no Brasil, foi em Lisboa.  
Já tem dois negocios, um para Lisboa, outro para o Porto.  
O Climaco, isso não será monopolio?

A CIGARRA e a Formiga.  
Assim se chama a nova revista do Trindade. Quem fará a *cigarra* e quem será a *formiga*?  
Uma canta e outra trabalha, como na fabula, que só é verdade, por ser fabula.  
Não sabemos porque, mas cheiramos que a revista péga. O titulo é bonito e esta mesmo a calhar com o verão!

O ARMANDO de Va concelos não descança enquanto não arranjar uma companhia de opereta. Já arranjou tres novos artistas: dois rapazes e uma senhora.  
Mas cantam ou estro na muda?

VEM ahi um enxame de *girls* alemãs para o Trindade!  
Como será o mel das louras abelhas?  
Cuidado com os Zangãos portugueses. Se entram no cortico é carnificina certa...

COMPANHIAS que foram para a provincia «tomar ares»:

Companhia Chaby Pinheiro.  
" Maria Matos.  
" Ester Leão.  
" Hortense Luz.  
" Lucilla-Erico.  
A primeira vista pareceria que os teatros de Lisboa ficariam ás moscas. Puro engano! Continuaram cheios — até de publico!

NO Nacional anuncia-se para breve o *Além-Mar*.  
Mas uma peça colonial?  
Sorrigue, leitor-espectador! A peça passa-se em Marselha e foi liberrimamente adaptada ao português por Matos Sequeira. O mar aparece só no scenario.

O COLISEU dos Recreios vai meter zarzuela, e da boa! A preços baratos as enchentes devem ser sucessivas.  
O peor é que o nosso Ricardo Covões queixa-se sempre, mesmo quando os exitos são «rotundos».  
E' o que se chama um empresario modesto... e prudente!

CONSTA que os artistas do Gimnasio vão tentar uma curiosa experiencia de comunismo monetario.  
Andam entusiasmados!  
Para quando o *soriet*?

REGRESSOU de Paris o autor desta secção. Garantimos que não traz nenhum original... francês. Tudo traducido.

A PROPOSITO da *Revolução*, peça que esta em scena no Nacional, corre a seguinte «piada»:  
— Mais uma *revolução* que fa-



**Alberto Barbosa** — um revisteiro que ao teatro tem dado algumas valiosas produções.

lhou — sem o apoio da opinião publica.

E encarando a hipotese da peça de Virginia Vitorino ser novamente representada:

— Depois da *revolução* é natural que venhamos mais *Despedidos*.

ENRIOL em ensaios no *Maria Vitoria* a opereta *Historia do Fado*.

Ja o fado é historico, antes ou depois de D. Afonso Henriques?

OS burros teatraes tambem têm categoria, azimna é claro.

O nosso avô *Diario de Lisboa* noticiava, ha dias na secção teatral:

«O burro o *Lagarto*, que desempenhou um papel (que papel seria? Dar coices, naturalmente) na revista *Agua Pé*, no teatro Avenida, embarca brevemente para o Rio de Janeiro, a fim de participar no numero interpretado por Estevam Amarante, nesta peça, intitulado *O Saloio de Canecas*.

Em que classe ira o animalzinho?

Consta que se prepara, entre os amigos do bicho, uma tecante e zurrante manifestação de despedida.

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

### SCENAS DA SCENA

## EM ESPINHO

Foi na praia de Espinho...  
Vinha tombando a noite, brandamente, e eu ficara p'ra ali, quasi sózinho, em frente ao mar bramindo irreverente. Nisto, oiço alguém falar atrás de mim: alguém que conheci p'ra voz, apenas...  
Sim, porque a voz da Alegria distingue-se, inda mesmo entre centenas!! Tem o vibrar cantante e prolongado dum berimbau, ou coisa semelhante, que obriga o mais casmurro e o atilado á brusca transição hilariante!...  
Trocámos impressões.  
Ele andava em «tournee» co'a Companhia; perdêra, na roleta, alguns tostões e, quanto ao resto... ha muito não bebia!  
A despedida dei-lhe a direcção, e pedi p'ra no dia imediato almoçarmos os dois. Disse que não... Que não levasse aquillo em desacato, mas que já tinha o mesmo prometido não sei a quem, por isso, feita determinação anos de nascido.

ou de casado, nesse mesmo dia...  
Disse, e lá foi caminho do teatro.  
Já na tarde seguinte, depois do almoço, que acabou ás quatro, — palavra que nem sei como vos pinte o estado em que encontrei o Alegria!... Não me recordo, desde que me entendo e que o conheço, de o ter visto assim! E notem que aquillo era não bebendo! Disse-lhe, então, que não devia ter bebido tanto, e muitas coisas duras que, sobretudo, era preciso haver cuidado co'as misturas.  
— «Que misturas?» — responde-me o Alegria. Podes acreditar que não te minto: Eu detesto essas coisas... Cá p'ra mim não ha nada que chegue ao vinho tinto! Olha: — não pode haver mais que uma hora, alguém quiz dar-me vinho fino ao almoço. Respondi logo: — Já vem tarde, agora... Vinho fino p'ra quê, se eu já estou «grasso»!...



... um novo de...  
... a...  
... pag. 60...



# Elevador da Gloria

O conferente — Segundo os meus calculos, o mundo acabará d'aqui a 327 milhões de anos!

Um ouvinte — Perdão, sr. professor! Quantos anos disse?

O conferente — 327 milhões.  
Um ouvinte — Fico mais tranquilo! Julgava ter ouvido 127 milhões em vez de 327!...

\* \* \*

Ela — Na minha familia todos são muito românticos! Minha irmã morreu de amor!

Ele — De amor?  
Ela — Sim, matou-a o noivo com ciúmes...

\* \* \*

O intervo namorado — Queio casar-me com sua filha!

O pai que é bruto e taberneiro, — Que deseja?

O primeiro.. engasgado — Quero ca...

O segundo, terrivel — Que deseja?

O primeiro, receioso — Uma posta de bacalhau com batatas.

\* \* \*

Sobrinho — Então, doutor, não ha esperanças?

O doutor — Não... Salvou-se!

\* \* \*

Na farmacia:

— Dê-me vitriolo.

— Quanto?

— Para duas pessoas...

\* \* \*

Entre presidiarios

— O numero 13 trouxe-me para as galés!

— O numero 13?

— Sim, os dezo jurados e o presidente!

\* \* \*

— Podes emprestar-me 50 escudos até quinta-feira?

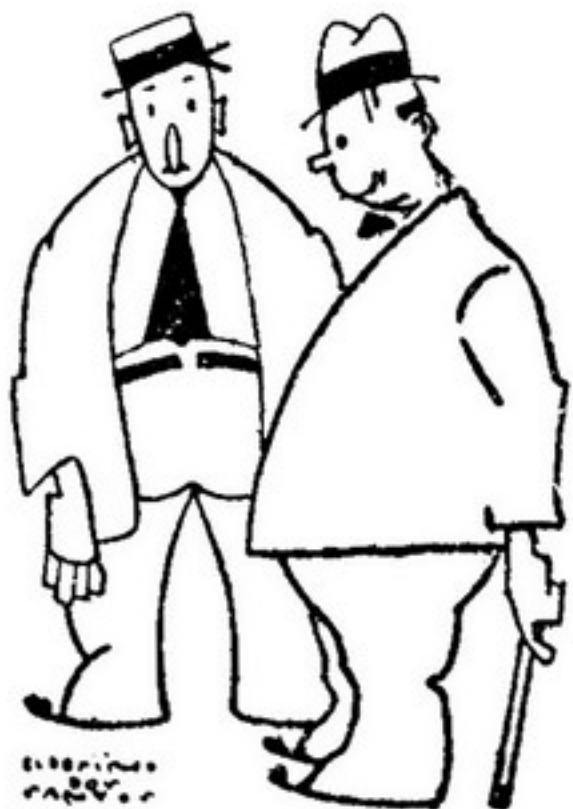
— E se tu morres antes?

— Sou bastante honrado para não fazer tal coisa!

\* \* \*

— O que pensas de teu novo patrão?

— Não gosto d'ê! E' muito pontual quando venho mais tarde, mas nunca ca está quando venho cedo...



— Minha mulher discute todo o dia e não se compreende o que ela quere.

— Talvez discuta o pacto de Kellog.

**Sortes grandes ?**

só o **PINA** as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

# CINEMA SONORO

# A MORDAÇA



— E' ao campo que se devem ir buscar os interpretes para o cinema sonoro!

# A vocação do Silva

— Mas o que será, D. Madalena?  
— Eu não sei, vizinha!...  
— Será algum lactario novo?  
— Não! Aquillo é algum bode ás creanças.

E pelos predios daquele bairro excentrico, a vizinhança eschia as janelas, curiosa, intruzada com o que se passava na rua. E havia uma certa razão para aquelle alvoroco. Pelos passeios, uma multidão de mulheres com creanças ao colo compriziase, esperando, paciente, que chegasse a sua vez de alençar a escada dum predio, côr de rosa. Tintam acorrido ali mães de todas as categorias sociais, de todos os pontos da cidade e algumas, mesmo, dos arredores. Estabelece-se, até, um serviço especial de policia. Os guardas continham na «formidatua» as mães ansiosas, não permitindo atropelos nem abusos. Pessoas que casualmente ali passavam admiravam-se daquela estranha doçura e seguiam, intrigadas, ao seu destino. Um verdadeiro acontecimento!

E a vizinhança, continuando pelas janelas, via que os bebés, antes das mães entrarem no predio côr de rosa, choravam desalmadamente, abrindo umas guelras enormes, babando-se e estorcendo-se como endemoinhadas, mas que, porém, á saída do predio misterioso, repousando ao colo das suas progenitoras, dormiam tranquilamente, de fisionomia calma e satisfeita.

— Mas o que será isto, D. Angelica?

— Eu sei lal... Só se as inocentes estão doentinhas e vão ali curar-se.

— Mas no 14 não ha nenhum medico...

— Pois não...

E de facto, no 14, que era o numero do predio côr de rosa, não havia nenhum medico ou curandeiro.

— Mas que seria aquillo?

A «blecha», movendo-se lentamente, ia avançando; as mães que subiam, desciam passado pouco tempo, radiantes e ligeiras, transportando os filhos adormecidos.

\* \* \*

E a explicação era facil. O sr. Silva Gericoca, habitante do segundo andar daquele predio, desempregado ha dois annos, tinha um filho, muito intere-

sante, e certo, mas desinquiado como o proprio diabo. O petiz, com os seus gritos constantes, sem dormir, não deixava a mãe cumprir com os deveres dos seus arranjos domesticos. Um dia, porém, Silva Gericoca lembrou-se de pegar no pequeno, tentando adormecê-lo. E assim fez. Com o rebento nos braços, embalou-o, passeou-o, entoadando em surdina uma canção dolente e soarna. Passados cinco minutos, o pequeno dormia a sono solto; e succedendo isto ás 18 horas, durante todo o dia nunca mais ninguém ouviu o inocente.

O sono da creança fôra tão calmo e tão demorado que a mãe não só conseguira arrumar a casa e fazer o jantar, como ainda tivera tempo para prosseguir um *napeton*.

Desde então, o Silva Gericoca nunca mais se preocupou com a crise de desemprego. Fez constar, entre as mães de familias conhecidas, que possuía o poder de aquietar e adormecer as creanças mais rebeldes, garantindo o sono dos meninos por seis horas.

Os primeiros «tratamentos» operou-os gratuitamente. Depois, a fama do processo propalou-se e o bom do Gericoca tinha, todos os dias, que adormecer para cima de duzentos bebés rebeldes ao poder de Morfeu, recebendo, em paga, o que lhe quizessem dar.

A sua vila transformou-se. Entrou naquelle lar a claridade limpida da alegria e do bem-estar. Gericoca e as mães ficavam, simultaneamente, satisfeitos. Um porque recebia o dinheiro do seu engenhoso trabalho, as outras porque viam os seus rosados bebés em socego, dormindo regaladamente.

E em dias de maior movimento, á certa hora, via-se pendurado do para-petto da janela do Gericoca o seguinte letreiro:

Silva Gericoca, extenuado pelo trabalho deste dia, declara de ex.ª mães de familia que não utendo hoff mais ninguém, proseguindo amanhã no seu generoso trabalho.

LACTARIO DA PÁTRIA

Cabelos ondulados e escuros, olhos negros, sonhadores, colo farto de rola selvagem, a Gabriela era um lindo tipo de mulher alfacinha. Em toda a sua expressão havia uma melancolla, uma tristeza que encantava e prendia. Tinha um defeito, porém: a sua boca, aqueles labios rubros, sensuais, ardentes, eram escandalosamente provocadores, davam vontade de os comer com beijos, de os morder até que o sangue viesse dar mais côr, á côr vermelha que eles já tinham.

Em resumo: Gabriela era um mimo de carne e osso e cuja boca constituia a tentação, a loucura, a vertigem de quantos a viam.

Namorava um aspirante de marinha, cujos doirados lhe fizeram andar o seu pequenino miolo á roda, até ao ponto de rebuçado a que vulgarmente se chama paixão.

Amara-o loucamente, sempre de longe. A's vezes num bailarico em casa de gente conhecida dos, enquanto «fox-trotavam» os labios dele procuravam os dela, mas eram paralelos, nunca se encontravam.

O aspirante, já farto daquele platonismo, e vendo que dali não levava nada, começou a rarear as suas aparições alegando prevenções, salvo conduto familiar de todo e tropa que se presa, viagens de 15 dias para fóra dos portos do continente, etc.

Gabriela começou a definhar, a esvaír-se em amor não correspondido. Mas aqueles labios, aqueles labios jámais perdiam a côr sobressaindo ainda mais na cera daquelas faces. E um dia morreu.

Honesta e boa, o seu coração não comportara a maldade humana, que a perseguia por causa dos seus labios. E foi para o ceu.

A chegada duma virgem ao paraiso mete sempre uma semana de festejos os quais começam pela recepção da nova habitante do Eden.

Para isso S. Pedro nomeia uma comissão de santas para a irem esperar á entrada.

Como, porém, os que morrem chegam ali, sempre despojados de todos os artificios mundanos, inclusivé a roupa, ordenou-lhes o santo, entregando-lhe uma tanga:

— Tomem, levem. E' para velar o que houver de indecoroso naquella bemaumenturada.

Momentos depois Gabriela, entrava no ceu... amordoçada.

Exemplares exgotados do «Sempre fixe»

Compram-se na Administração deste semanario, os numeros 8, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 24, 25, 28 e 106, que se encontram exgotados nos nossos arquivos.



— Como se chama o teu irmãozinho?  
— O meu irmãozinho chama-se...  
— E o nome da mãe dele?  
— O nome da mãe dele chama-se...



# Prosa de Cha-Velho

Em Melun, perto de Paris, realizou-se na passada semana uma corrida de touros cuja reportagem cabe perfeitamente no «Sempre Fixe».

Muitos «aficionados» chegaram em automoveis, e em «autobus» seiscentos membros da Sociedade Protetora dos Animais. E aqui é que foi o busilis, porque com estes chegaram dois esquadrões de gendarmes.

Da camara municipal de Melun saiu antes da corrida um cortejo em que figuravam as rainhas de beleza dos distritos de Paris. Mas nem a presença destas evitou a primeira intervenção dos da Protetora, autenticos animais que começaram assobiando, como feras, em apitos de que previamente se haviam munido.

Primeira intervenção dos batalhões de gendarmes, e primeira escandalreira dos «protectores», dos quais foram presos alguns por se servirem de autenticos gases asfixiantes...

Entre os manifestantes figurava a escritora Rachilde que ofereceu a sua vida em holocausto á campanha de impedir que em Paris e em arredores se dêem corridas de touros.

Mas como a escritora se excedesse nas suas manifestações, foi presa no proprio local do «crime», na praça de touros de Melun.

Afinal, a famosa corrida de Melun era apenas um pitoresco simulacro, nem os cavalos sofreram o menor sofrimento.

Os touros—pobres boisinhos de Rivet—eram embolados, e tão inofensivos que se assustavam dos cavalos.

Os lidadores—três «malétas» espanhóis—limitavam-se a pegar papeis com goma na pele das rezes—á maneira de bandarilhas—e a sorte de matar era a brincar—como em Portugal.

O Alcaide de Melun e o deputado distrital, com alguns «aficionados convictos», faziam a opposição aos «protectores», pretendendo excitar os boisinhos para que a festa tivesse caracter.

Mas—são os jornais estrangeiros que o afirmam—os «protectores» acabam por vence-los, porque, descendo á praça, num gesto «humanitario», apunhalaram os cavalos dos picadores e até os dos gendarmes que pretendiam intervir...

PEREZ LA CHAISE.

## A VIAGEM DOS JORNALISTAS

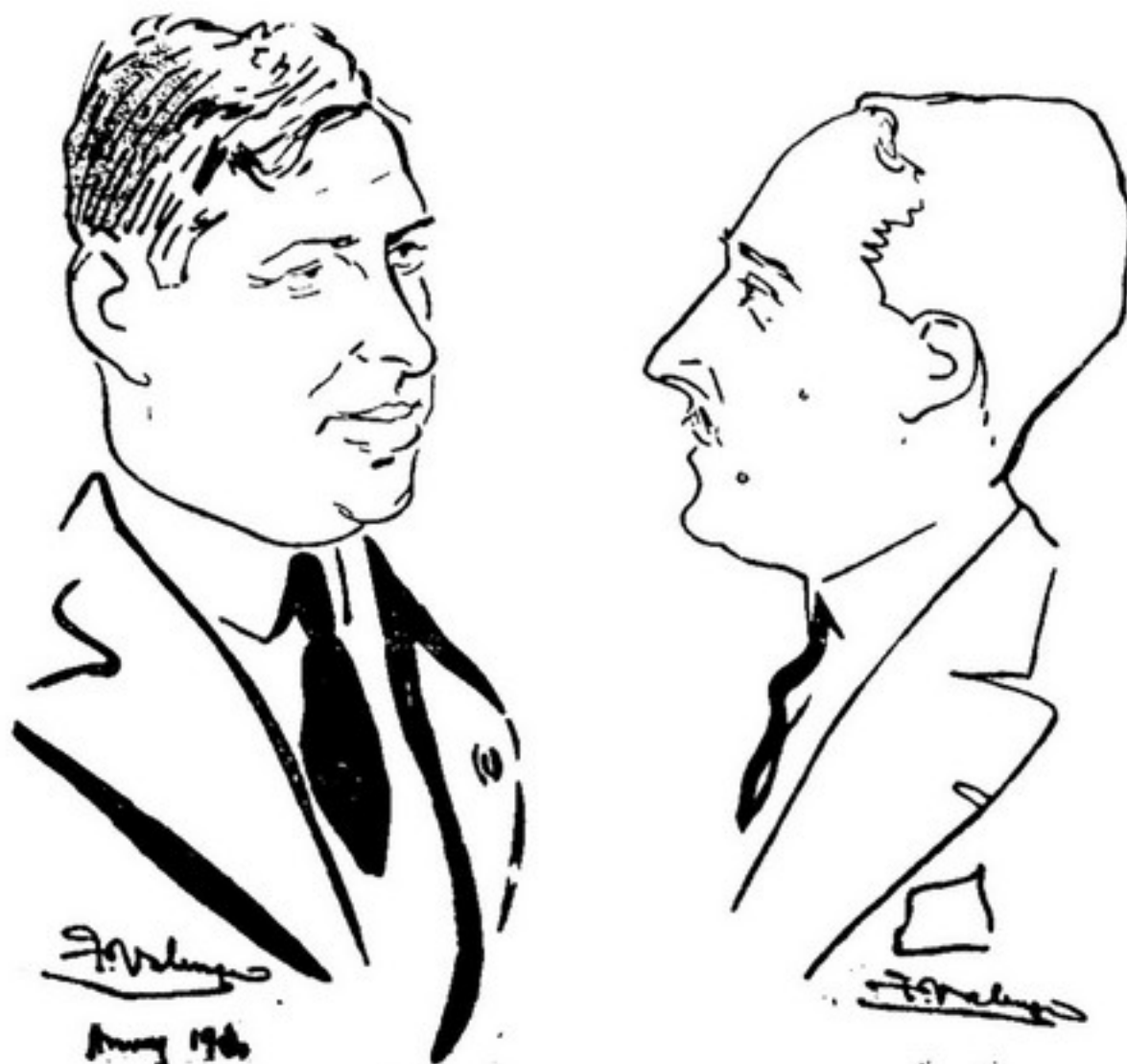
# F. VALENÇA NA BELGICA

Assim vê o nosso querido camarada Francisco Valença portugueses e belgas, jornalistas ou diplomatas, na sua viagem á Belgica



Mr. Van Menten

Presidente da Association de la Presse Belge, secção Anvers—Limbourg



Dr. Aristides Mendes

Mr. Paul Vereecke

# Graca dos outros

Depois da peça:

—Tu não sabes o publico que se juntou na bilheteira, no dia da «premiere» da minha peça!

—Como assim, se ela não chegou a ser representada?

—Era gente a devolver os bilhetes!

\*\*\*

A artista do nu: Vacine-me, mas num sitio que não se veja!

O médico, atropalhado: Então tenho que a vacinar, com pilulas!

\*\*\*

—Em chegando a esta época padeço de enxaquecas e duns terríveis zumbidos nos ouvidos!

—E o que lhe se melham?

—Que mande a familia voltar para a serra, para não ouvir a minha serra!

\*\*\*

—Gasto muito da minha pele de ébano!

—Aposto que já deste hoje o mesmo a outra!

—Oh, não! Era louca!

\*\*\*

—Desgracada! Atraves-te a comprar tantos vestidos! Então não sabes que estou em vespas de outra falencia?

—Eu sei, mas a modista é que ainda não sabe!

\*\*\*

Entre amigas: —Um pobre acaba de me pedir esmola, dizendo: «Minha linda senhora!»

—E quem era o cego?

\*\*\*

A entrada de um escritorio: —Quem anuncio?

—Foolbrook gornordgrierneto Hestemarchzide do Wainewri-ghthese!

—Periclitament!

\*\*\*

O pai milionario falando com o pretendente da filha: —Quero-lhe ser franco! A minha resposta depende da sua situação economica!

O pretendente: —E' curioso! A minha situação economica depende da sua resposta...

\*\*\*

—Seja homem amigo Pancracio! Sua mulher tem muitos poucos dias de vida!

—Faça-se a vontade de Deus, doutor! Mas depois de tantos anos de existencia ela pode esperar mais algum tempo!

\*\*\*

Ele: —Estes calheres que nos mandou a tia Emilia, não são de prata, são de níquel!

Ela: —Mas tu sabes como é o níquel?

Ele: —Não, mas sei como é a tia Emilia...



—Ele: —Desde já lhe digo que tem muito mais habilitações que a minha anterior secretaria...

Ela: —Sim?...

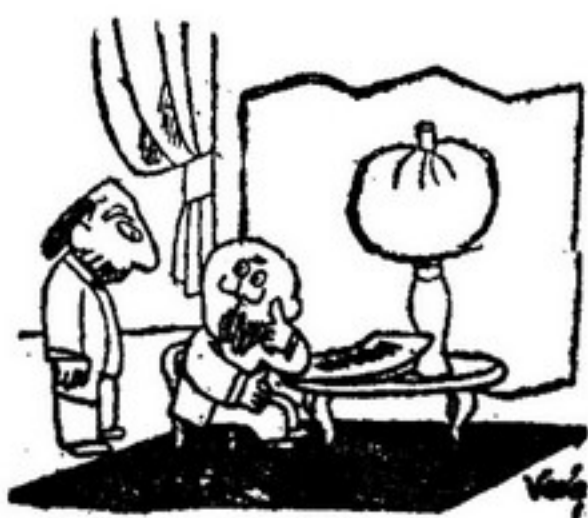
Ele: —Mas muito menos que o necessario para o que necessito...

Quereis dinheiro ?

Jogai no

# Lama

Dr. Aristides Mendes Mr. Paul Vereecke



—Não calculas como estou satisfeito.

—Porquê?

—Arranjei um elixir maravilhoso que cura todos os males...

—E' maravilhoso!

—Sim. Os brancos e os cutros...



## O' Leite!

— O jornal da Boa Hora corre um processo de divórcio contra o Sr. Tiburcio Leite, intentado — oh! que tenta! — pela sua com...sorle Maria Leviana das Queijadas. O significado do facto não tem graça, nem mete, sequer, carro para o dito bairro. Mas mete um Sequeira para a Leviana.

Ainda hoje tivemos o prazer, me...prezando os acipretes do cemitério, esse tempo onde a gente se entende, de falarmos com o Leite. E não houve agonia.

— Basse o Leite!

— Eu estei muito azedo. Eu não estei para viver sem a Consolação de viver com a Leviana, que tem o meu apelido. Ora... pois eu não quero ser mais do que sou: Tiburcio e Leite para o servir...

Como não gostamos da bebida, de víamos os cães... e a gente a generalizou-se.

Um outro, que não eu

— O' seu Leite, não se desnature a quente as partes. Elas são muito caras, na Boa Hora e você desnaturaliza-se. Perdõe-lhe, como Cristo perdoou a Madalena.

— Resposta do marido:

— Mas se eu lhe bebo o sangue! Mais outro, mais conhecido do chefe do lar:

— Não me fale em sangue. Eu sou transfusor e é por isso que a Queijadas cala. Compreendes? Faz tudo pelo melhor.

E nesta altura que entra o juiz, lá previamente solicitado para comparecer à audiência dos bons amigos.

O magistrado:

— Eu não tenho dúvidas em contestar a questão. Todavia, vocês sigam pelo bom caminho em aconselhar o Leite a tirar o apelido e dá-lo a Maria, coitadinha, que é o bem merecedora das nossas afeições.

IVINHO.

## A menina dos anéis

PARA CRIANÇAS

— Uma vez uma menina muito bonita, que gostava muito de anéis.

Sabendo da sua predilecção toda a gente lhe prometia um anel, mas a Maria Helena continuava com os dedinhos tão nus como um Menino Jesus, porque ninguém se lembrava de cumprir a sua promessa.

O pai era uma vítima de Maria Helena, todas as vezes que chegava a casa e não levava o almejado anel, o anel com que a Maria Helena contava dia e noite.

— Oh! paisinho, então o anel?

O anel lá-de vir, dizia o pai, para lhe calar a boca.

— Mas o anel nunca chegava...

Um dia veio a Maria Helena a Baixa com o pai.

No carro eléctrico, o pai comprou os bilhetes e passou-os as mãos de Maria Helena.

Dali a pouco veio o revisor

— Maria Helena, dá os bilhetes ao revisor, disse o pai. Mas os bilhetes não apareciam. Tinhe-os levado o vento.

Muito arrechado, lá teve o pai de Maria Helena de pagar outra vez o que já estava pago e quando ia a ralhar-lhe por isso, ela fez uma cara muito marota e foi ela que ralhou com o pai:

— Vês tu, paisinho, se já me tivesses comprado o anel servia para meter os bilhetes, muito dobradinhos, como fez aquele senhor que ali vai á frente e já se não perdiam.

Sortes grandes?

o PINA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

## O SR. ANACLETO

Anacleto de Sousa Pires, pacato cidadão, gordinho como um porco, rotundo como uma bola, um risinho a bailar-lhe nos lábios e duas saliências a deformarem-lhe a esferica e grande cabeça — o nariz e o permanente charuto — é rico; traz os dedos enfiados a abarrotarem de anéis (acompanhados dos infalíveis brilhantes, está de ver) a sua cara metade.

Anacleto usa polainas e impermeável no inverno e no verão ostenta um chapéu de sol.

Apesar de rico não possui automovel; contudo viaja de graça nos carros electricos porque é... detentor dum passe. O automovel para ele seria o precursor da pontualidade... e o Anacleto não a conhece. Assim, viajando de electrico, pederia desculpar o atrazo a uma entrevista com a demora nos carros...

Anacleto tem um defeito muito grande para mim: é meu visinho e com a agravante de visinho superior, isto é, do andar de cima — vá de má interpretação...

Como é adiposo e magriço pretende ser, deita-se cedo e levanta-se de madrugada, evita farinaceos e faz gymnastica.

Por isso, como despertador, tem uma serie de ruidos que me fazem voltar na cama dum para outro lado. Cubro a cabeça com os lençóis, meto algodão nos ouvidos, mas o trabalho é inutil, porque os ruidos continuam a atingir as miúdas membranas do timpano.

Primeiro é um ruido estranho, como se uma grande bola fosse atirada ao ar varias vezes e caísse no chão outras tantas: é o Anacleto a saltar á corda.

Em seguida, um barulho que estremece as paredes do corredor: é o Anacleto a correr. Depois é um ruido surdo, uma especie de zumbido: é o Anacleto a fazer gymnastica respiratoria e a contar em alta voz 1, 2, 1, 2, 1, 2...

A sua gordinha e o seu maior desgosto; mas não o clama em voz alta, sofre-o em silencio porque não gosta, como qualquer pessoa, de ser alvo de risos. Não diz aos amigos que faz gymnastica para abater as banhas; isso seria criar

ambiente propicio a uma troça perpetua: — «Olha o toleirão do bucha»!

Gosta muito de animais: tem cães, dois papagaios, quatro gatos e uns peixinhos vermelhos; só lhe faltam embaixadores de réptis batráquios e invertebrados.

Não é burro nem inteligente, mas como gosta muito de animais irracionais é, por influencia, mais burro do que inteligente.

Um dia destes, Anacleto convidou uns amigos para jantarem em sua casa. Depois do opiparo fornecimento ao estomago, D. Felismina tocou piano muito mal, como sempre; conversaram, riram, fumaram, enfim, empregaram todos os meios conhecidos para passar o tempo. Num dado momento, Anacleto teve uma ideia: ia mostrar aos amigos os seus bichos, «animais muito inteligentes que falavam como uma pessoa» — dizia Anacleto, com um risinho a fazer-lhe covinhas nas rosadas maçãs do rosto...

Realmente, as aves eram um prodigio de inteligencia avicularia. Mantinham diálogos entre si, ensinados pelo dono, e os convidados não se cansaram de elogiar tais trepadores vulgarmente conhecidos com o nome de papagaios.

Porém, a uma dada altura, quando Anacleto perguntou ao Papagaio I se gostava dele, com grande pasmo ouviu o bichinho dizer:

— Não gosto de ti, és gordo.

Papagaio II não ficou atrás:

— Queres ser magro? Faz gymnastica!!!

Papagaio I: — Salta á corda!!!

Papagaio II: — Corre muito!!!

Anacleto, o rosto congestionado, os olhos muito abertos, a boca escancarada e as mãos a tremerem-lhe, tentou estrangular os animais. Porém, conteve-se, chamou a serva e mandou retirar os papagaios. A porta ainda um deles gritou: — «Se me bates, a vassoura entra na baila».

E, enquanto Anacleto fingia sorrir, os amigos mal continham o riso. Os papagaios tinham reproduzido a conversa mais frequente entre os dois conjuges.

E. R. M.

## D. Pepe

W por demais conhecida a facilidade com que espanhóis exageram; mas o mais curioso é que eles afirmam que somos nós que mais pendor temos para o exagero, e, por isso, a este chamam *una portuguesa*.

Assisti uma vez a uma discussão entre um andaluz e um alentejano acerca de qual deles tinha visto coisas mais grandiosas.

O andaluz descrevia tudo com grande copia de detalhes superabundantes, o que dava, efectivamente, ás suas narrativas um ar de autentica grandezza. Enquanto que o nosso patricio, de pouca imaginação e menor riqueza de vocabulario, se defendia fracamente, concluindo, a proposito de tudo quanto contava:

— Olhe, D. Pepe, não lhe digo mais nada: — era um fenomeno!

D. Pepe foi ouvindo tudo, com o aspecto de quem tudo acreditava. Apenas de cada vez que o alentejano lhe afiançava tratar-se dum fenomeno, retorcia-se contrariado.

Até que, a paginas tantas, contou o seguinte:

Uma vez D. Pepe ia passando por um descampado, a hora da maior força do sol.

Viu uma sombra enorme, de repente, e não cuidou de ver qual a arvore que tal sombra assim dava ao caminhar. Despiu, lesto, o casaco e, fazendo dele traveseiro, estendeu-se ao comprido e adormeceu. Roncou por largo tempo, até que, já refeito da fadiga da jornada, abriu os olhos e, estarrecido pasmado, por não ver nenhuma arvore junto de si. Ergueu-se rapido, e, de olhar esgazeadado, procurou no horizonte alguma explicação para o que acabava de succeder-lhe.

Lobrigou, então, uma outra grande arvore a alguns quilometros de distancia. Enfiou o casaco e desatou a correr para a arvore que ao longe distinguia.

Chegou-lhe por fim ao pé e viu. Viu tudo. E compreendeu perfeitamente porque, horas antes, encontrara sombra no sitio em que adormecera descuidado.

— Mas então o que era, sr. D. muito intrigado.

— Pues, era um avestruz, sr. D. Paco.

— Um avestruz? Hom'essa, agora, é forte de mais. Então o D. Pepe quer convencêr-me de que um avestruz pode dar sombra como uma grande arvore?! Essa é muito forte, D. Pepe; é muito forte.

— Hombre, era um avestruz grande, muy grande.

— Mesmo grande, D. Pepe. Isso é mentira, que eu não como.

— Que si, D. Paco!

— Não péga. Essa não péga!

— Que quiere usted? el avestruz é — era um fenomeno.

IGNACIO PRESUNTO.

## Viagens entre Lisboa e Cintra, Cascais e Monte Estoril

Em combinação com a Cooperativa Lisbonense de «Chauffeurs», que já ha muito tempo mantém carreiras de camionetas entre Sintra, Cascais e Monte Estoril, passando por Lisboa e Alcábaldeche, vão a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e a Sociedade «Estoril» estabelecer, a partir de 5 de Junho proximo futuro, a venda de bilhetes directos para viagens entre Lisboa e os pontos acima indicados, podendo estes bilhetes ser adquiridos na estação de Lisboa-Rocio (seguinte pela linha de Sintra) ou na de Cais do Sodré (seguinte pela linha de Cascais), como melhor convenha aos passageiros.

Desnecessario é dizer que o estabelecimento da combinação de transportes a que nos referimos representa uma grande vantagem para quem pretenda visitar as optimas estancias de turismo, que são Sintra, Cascais e Estoril.



Nestas dôres —

ASPIRINA

Em breve desaparece a dôr, voltando o bem estar e nova alegria de viver.

Não ataca o coração nem os rins,

Tambem a Gafiaspirina é um produto da acreditada casa Bayer



... e mais



TAC-TAC-TAC

A GRANDE BURLA

Raia, enfim, a verdade nua e crua

O Tribunal, que fôra constituído (conforme a nova Constituição) por 36 dignos juizes, 4 senhores delegados do Ministerio Publico e 8 escrivães, sem contar com o escrivão-militar (que era naturalmente o sr. major Escrivanis), acabara de ser instalado tendo tirado á sorte o nome dos componentes a inocente mão de D. Mercedes Blasco pelo integerrimo dr. Chagas Roquette, o prudente magistrado que, desde a vespera, puzera as venerandas barbas de molho, por ver as de tantos vizinhos a arder descaradamente.

Como a sala pequena fôsse para o grande numero de testemunhas, de que fazia parte quasi toda a população de Lisboa, houvera sido mister alargá-la previamente, destacando varias anticas salas, cabendo aos jurados o recanto da esquerda, onde anticamente existia um poço no gabinete de conspirações secretas, apenas desatada por duas mulheres W. C.

Historiando o crime, Santa havia puzido um novo exemplar de cinematographia que revolucionaria, pelas suas audaciosas teorias e apresentação "hors-ligne" a frase celebre de El Terrero Carrero, todo o meio lisboeta. Os seus principios numerados e disputados nas ruas, como antigamente na Bolsa as supercherias, a ponto de se terem produzido conflitos graves pela aglomeração das gentes sedentias da leitura do novo hebdomadiario illustrado.

Sucedera ter a dita Empresa descoberto que, por circulares enviadas pelo correio, alguma oferecia a dita publicação a preços reduzidos; isto e: três por 12 tostões, quando o preço de cada era, integralmente, cinquenta centavos. Varias pessoas, que haviam enviado a dita quantia para receber os três exemplares e os distribuir pela familia, queixavam-se de ter, em troca, recebido 3 tabos dumas pilulas suspeitas, sem qualquer outra indicação.

A Empresa, ciosa dos seus direitos, gritou contra a fraude e, como consequencia, foi preso o cidadão Jose Rudes Manciras, acusado de falsificação e burla.

Descrevamos agora o julgamento. Aberta a audiencia, o Presidente começou por interrogar o reu, que se apresentava pallido e merencorio.

— Sabe de que é acusado? — bem, sr. doutor Juiz.

— Pois vai sabê-lo. É acusado de vender numeros falsos do grande semanario o Kino, prejudicando a Empresa e burlando o publico.

— Oh, meu rico sr. juiz, eu cá não falsifiquei nada, nem burlei ninguém...

— Então você não anunciava que vendia o Kino?

— Anunciava, sim, senhor.

— E não recebeu dinheiro para o enviar na volta do correio, augmentado do respectivo porte?

— Recebi e enviei o Quino.

— Então enviou o Kino por menos preço do que o comprou?

— Eu não compro o Quino, sr. juiz. Sou eu que o fabrico.

— Então, confessa o crime.

— Que crime, sr. juiz?!

— Homem! (gritou o juiz já fora de si, arrancando os olhos dos olhos e alçando a mão da barba).

— O crime é que fabrica e vende numeros falsos do Kino e o nome do possível fabricante do Kino é

o sr. Alfredo Pinto e seus colaboradores,— que estão aqui mesmo representados pelo seu advogado dr. Norberto Lopes — e nega o crime? Com mil diabos!

— Agora, sr. juiz, agora é que eu vi tudo! — exclamou Rudes Manciras, dando ao seu nome um ruído desmentido porque sorria alegremente.

— O homem está doido! — sentenciou o presidente.

Na sala produzira-se um grande murmúrio de espanto. O presidente, tocando a campainha, ameaçou:

— Se fazem barulho, mando-os evacuar!

Mas logo, talvez recordando-se das transformações da sala, de que desaparecera o tal antigo gabinete, serenou.

— Explique-se o ordenado de seu reu.

— Eu explico, sr. juiz. Eu explico tudo. O que eu fabrico e vendo é um preparado de quino, o adorado remédio contra as febres ultramarinas; e só o faço num grande movimento de filantropia e de simpatia máxima, desistindo de não emprezar tanta stiba junta, e charrei no meu preparado O Quino. Atirno assim a minha qualidade de cidadão simpatia.

— Bem, sr. juiz, eu na verdade não tarda nada — murmurou nas bancadas o porteiro do Kino, coçando os bigodes.

O juiz fixou-se e continuou para o reu:

— Mas então não viu que, estabelecendo a confusão, você falsificava assim o titulo da primeira revista cinematographica do Pais e... (disse o juiz com ar apreensivo talvez do mundo?)

— Ou julga o reu, que isto de falsificar titulos é coisa de tão pouca monta como falsificar notas?...

O advogado de defesa, interveiu:

— Reço ao sr. juiz o favor de recordar-se de que, já em tempos, varios falsificadores de titulos foram absolvidos, sem mor reparo...

— Isso é outra especie de acarirose... social! — commentou o presidente. A importancia do caso presente e sobremaneira confidencia.

— Em conclusão, interveiu o chefe da sala — O reu não tem mais nada a declarar, e o julgamento que mais teve a honra de presidiar a sessão, honra que o Kino?

— Sr. presidente, respondendo-me, o advogado dr. Marco Antonio foi a expensas do Kino, mas e so bem merecido, e a expensas do Kino, e na verdade a honra que o Kino?

Um grande biscoito percorreu a espinha dorsal do publico, tal como se por ela houvesse passado uma forte fricção de alcohol cantado.

— José Rudes Manciras clamou o juiz, pondo novamente no seu lugar os olhos e os pêlos que tirára da barba — sois um inocente! Ide: estais absolvido.

Mas Rudes Manciras, erguendo-se de seu banco, obtemperou:

— E não recebo nenhuma indemnizaçõzinha deste frete?...

Então o sr. Alfredo Pinto, que discretamente assistira á audiencia, aproximou-se, com altiva dignidade, e, estendendo-lhe um escrito assinado, pronunciou!

— «Vá amanhã receber isto ao Manzoni!»

E retirou-se. Era um vale de 1000.

CIRANO DE VILHÓFRAC.



— Este é o ultimo filho? — Espero que não.

Finalmente como finalizou uma final!

Ha na V. do Bairro Um lunar no cemiterio Para enterrear a musca Puzo dum bardo inteiro, que tomando o caso a serio, escreveu um compendio.

Portugal e um jardim, onde as cruceiras saltam cheias de graça e de sol. O Benfica é o jasmim — E muitos não acreditam Do jardim do foot-ball.

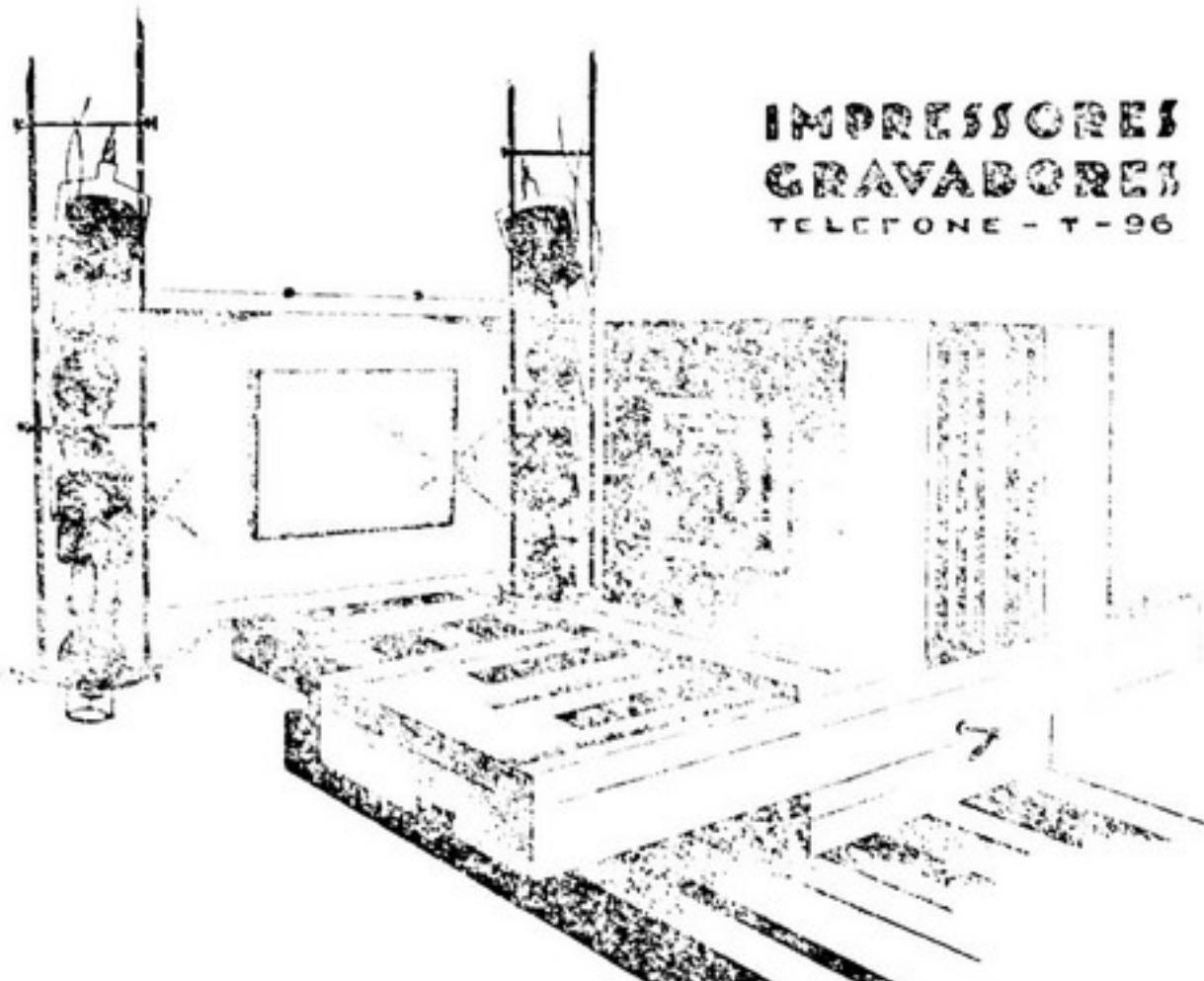
Ze da Fonseca, onde mora onde vive? por acaso? Inda ninguem descobria. E talvez, na Boa Hora,

Quando o dia trahi o condonemem por...

No Zoologic Garden, uns orna aras, um o land do orna... Ha outros rostos, que a vida e por muito que eles ardam nunca acendem um parvo.

Descobre-te o merce de o apostata do crime. Vai o enterro a pessoa. São as gollas do Bairro, que o funeral do seu... vai, tristes, a acompanhar.

ZÉ MARIS.



IMPRESSORES GRAVADORES TELEFONE - T-96

BERTRAND IRMÃOS, Lda

TRICROMIA — FOTOGRAVURA — ZINCOGRAFIA — DESENHO

SECÇÃO ESPECIAL DE GRAVURA PARA JORNAIS

Trabalhos Tipográficos

Composição Mecânica e Impressão de Catálogos, Revistas, Postais, etc., etc.

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA



# ECOS DA SEMANA

QUINTA FEIRA DA ESPIGA OU DA ASCENSÃO DOS MENINOS DE COLO



COMO MATAVA AS SUAS VICTIMAS O VAMPIRO DE DUSSELDORF, QUE FOI POSTO EM LIBERDADE POR SE PROVAR QUE SE TRATAVA DE UM RECLAME A TESOURAS...



BREVEMENTE USAR-SE HÃO CARROCINHAS PARA O COBRE - NOS BANCOS, POTENTES CABREAS FARÃO A RECEPCAO -

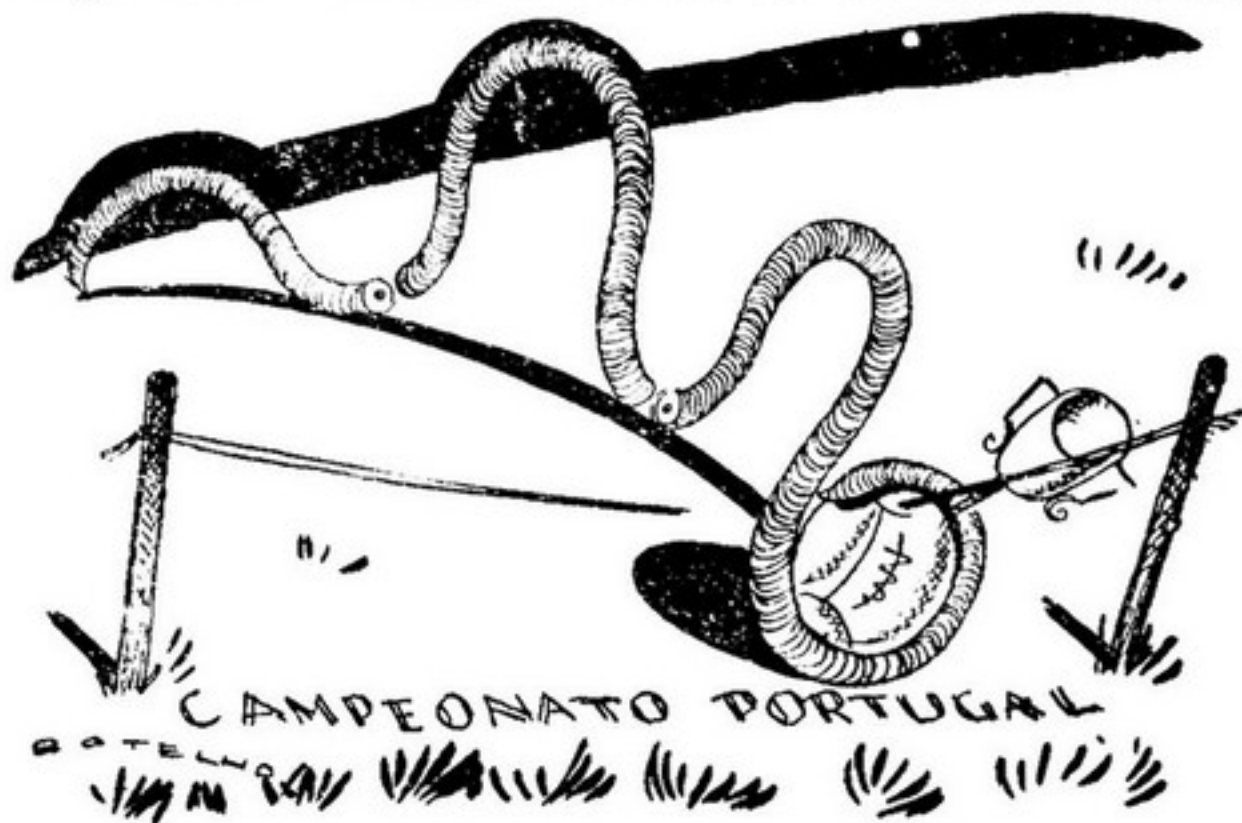


O ENTRIN... CHEIRADO NÃO CHEIROU O TAMEGA PORQUE ÊSTE SE DISFARÇOU EM BARCO DE PESCA, O QUE NÃO LHE FOI DIFÍCIL.



ALGUNS DOS 'CORNUPEDES' DE MAIOR RESPEITO DA FEIRA DE V.F. DE XIRA.

## Sport Minhoca e Bemfica



CAMPEONATO PORTUGAL DE TELERAI

Depois de tantos cortes o Bemfica com uma energia de minhoca conseguiu ser campeão de Portugal.



TOUROS TRABALHADORES MARRADORES COBRETORES LINGUISTAS